

# O JORNALISMO COMO NARRATIVA DO PRESENTE: reflexões e relatos de práticas e processos

LE JOURNALISME COMME UN RÉCIT DU PRÉSENT: réflexions et  
rapports de pratiques et de processus

**A** Revista Latino-americana de Jornalismo – **ÂNCORA** disponibiliza a sua sétima edição [V.4 N.2] sob o título “**O JORNALISMO COMO NARRATIVA DO PRESENTE: reflexões e relatos de práticas e processos**”, incentivando tanto a exploração das discussões clássicas sobre o tema, como as produções contemporâneas que participam ou dialogam com esse conjunto de questões.

Organizar este número da revista constituiu-se num desafio de grande monta. Desafio que principiou com a tarefa de substituímos a experiência, a perícia e a vasta competência do professor Pedro Nunes, editor da revista desde a sua criação em 2014, e que passou às nossas mãos o nobre trabalho de edição da mesma, a partir de 2017.

Ainda nesses primeiros parágrafos, gostaríamos de fazer um agradecimento especial ao professor Pedro Nunes, pela generosidade, cuidado e colaboração sistemática que nos ofertou ao longo desses meses, o que tem se constituído em auxílio inestimável a fim de que houvéssemos chegado até aqui. É, pois, ao professor Pedro Nunes, que dedicamos este número de **Âncora**, com os seus acertos, mesmo com as falhas, que são alertas necessários para que nos inspiremos em sua força de vontade, disciplina e trabalho árduo, a fim de mantermos e consolidarmos o patamar de excelência que ele começou a construir para a nossa revista.

Começamos então com uma breve apresentação do nosso dossiê temático, que contou com a participação da pesquisadora Ana Lúcia Medeiros, como editora convidada, cujo entusiasmo e trabalho árduo foram fundamentais para o êxito e a qualidade do dossiê. A ordem das publicações deu ao mesmo uma arquitetura singular. Num primeiro bloco, estão três artigos mais reflexivos, os quais, em certa medida, dialogam entre si. O segundo bloco enfeixa cinco artigos de ordem mais técnica e prática, ainda que, todos eles, primem pela argumentação e a reflexão teóricas.

“**Acerca das Aporias da Narrativa Jornalística**”, artigo do pesquisador Adriano Duarte Rodrigues, abre magistralmente o dossiê e, em certa medida, envolve todas as outras reflexões contidas no mesmo. Em texto ágil e primoroso, numa espécie de diálogo com os leitores, Rodrigues vai cercando seu objetivo principal, qual seja, o de “mostrar que as narrativas

EDITORIAL

jornalísticas, independentemente do ambiente em que são produzidas, são atividades intersubjetivas que obedecem aos mesmos princípios que as outras atividades narrativas, tanto históricas como ficcionais, e consistem em atividades específicas que as pessoas realizam para resolverem concretamente as aporias do tempo com que a experiência humana está inevitavelmente confrontada”.

Nesse esforço reflexivo, o autor nos premia com um conjunto de instigantes questões, em diálogo com a poética aristotélica, os preciosos achados filosóficos de Santo Agostinho, os contributos de Paul Ricoeur. Por que parece haver um hiato abissal entre os fatos narrados por um jornalista e a realidade dos acontecimentos vividos? O jornalismo é, de fato, narrativa do presente? Em que consiste a aporia das narrativas do presente? Deixamos com os leitores, essa breve síntese das múltiplas questões que o texto suscita, certos de que a leitura do mesmo nos surpreende, e dela emergimos com a sensação de que o artigo é, ao mesmo tempo, curto, denso e profundo, quem sabe um ensaio do instigante trabalho de Adriano Rodrigues, pensando os sentidos da experiência humana irremediavelmente ancorados no discurso e nas suas inelutáveis aporias.

No artigo intitulado **“As temporalidades na narrativa: um encontro entre a História e o Jornalismo”**, as autoras Francilaine Munhoz Moraes e Carolina Moraes Souza investigam como as categorias dos “estratos do tempo” – singularidade, repetição e transcendência (Koselleck, 2014) – se manifestam na narrativa jornalística em meio impresso e web”.

Esse primeiro bloco mais reflexivo se conclui com o trabalho do pesquisador Antônio Fausto Neto, que traz a esfera da circulação para o centro de suas argumentações, no artigo **“Jornalismo, Mediações e Redes: a circulação como objeto emergente”**. Hábil manejador das teorias clássicas da comunicação, Fausto Neto vai buscar aportes diversos para pensar alguns fatos recentes divulgados na mídia comercial, para abarcar a sua circulação como irrupção de narrativas que afetam e transformam o fazer jornalístico. Como ele mesmo diz, “(...) Sem esgotar o tema proposto, o artigo ancorou-se nos autores clássicos da comunicação e do jornalismo para refletir sobre a sociedade dos meios e vincular contribuições recentes sobre a sociedade em vias de midiatização a esses contributos clássicos”.

Cinco autores conformam o segundo bloco de artigos do dossiê. O fenômeno do *Fake News* comparece no artigo de Thaís de Mendonça Jorge, que “(...) traz o conceito de mutação das ciências biológicas para o jornalismo e tenta mostrar como os métodos da natureza podem ser vistos dentro do campo das notícias. A notícia seria assim um organismo passível de ser observado no próprio ambiente e no convívio com os correlatos, podendo

ser classificado em tipos ou categorias de acordo com as características que apresenta”.

No artigo **“Produção de sentidos e efeitos de protagonismo na cobertura do jornal local: análise de narrativas”**, Marcos Fábio Belo Matos nos apresenta os resultados de pesquisa realizada acerca da cobertura noticiosa sobre a implantação da Fábrica Suzano de Papel e Celulose, em Imperatriz-MA. O corpo analítico envolveu 46 matérias das 213 reportagens e notícias veiculadas, na imprensa local, entre os anos de 2011 a 2014.

Já as autoras Rita de Cássia Romeiro Paulino e Marina Lisboa Empinotti, apropriam-se do dossiê para trazer ao debate, pesquisa que **“analisa a comunicabilidade em publicações digitais multiplataformas através do estudo do caso ‘Cascaes no MarquE’**, produzido pelas autoras para contar histórias do folclorista Franklin Cascaes e conectá-las com trabalhos do pesquisador atualmente no Museu de Arqueologia e Etnologia (MarquE), da Universidade Federal de Santa Catarina”.

No artigo **“A Epistemologia do diálogo social na cobertura sobre aborto no programa Profissão Repórter: teoria e prática”**, com texto um texto esmerado, Marcelle Cristine de Souza transita entre a narrativa de reportagem e o trabalho acadêmico-científico, convocando teoria e prática para avaliar, a partir da ideia do jornalista como mediador social, a cobertura sobre o tema do aborto no programa Profissão Repórter.<sup>1</sup>

O dossiê se encerra com o trabalho **“Expressividade na Formação de Jornalistas: Contribuições da Fonoaudiologia”**, das autoras Regina Zanella Penteadado e Marcia Reami Pechula. “O artigo destaca a temática da expressividade e a contribuição da Fonoaudiologia na formação do jornalista, contextualizada na disciplina curricular Laboratório de Voz e Expressividade de um curso de graduação em Jornalismo”.

A seção Pauta Livre é aberta com o instigante trabalho dos pesquisadores Antônio Augusto Braighi e Marco Túlio Pena Câmara, intitulado “Direitos Humanos: O que o midiativismo e jornalismo podem aprender juntos?”. Em estilo ensaístico, os autores refletem sobre o fenômeno do midiativismo, perseguindo a questão: o que essas práticas podem ensinar ao telejornalismo?

**“A opinião como notícia na cobertura política do Jornal da Manhã de Ponta Grossa/PR”** é título do artigo que encerra a seção. Produzido pelos pesquisadores Sérgio Luiz Gadini e Edilene Santos Ogura, da Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR, o trabalho investiga o conteúdo da cobertura política do Jornal da Manhã daquele município, com o objetivo

---

<sup>1</sup>O programa referido é exibido na Rede Globo de televisão, sob a chancela do jornalista Caco Barcelos.

de “identificar as marcas editoriais do jornalismo político do referido impresso como instrumento para a formação da opinião pública”.

Na seção Entrevista, Ana Lúcia Medeiros convida Cremilda Medina para dialogar sobre a vasta produção da jornalista e pesquisadora nas áreas da formação universitária, da pesquisa aplicada e da prática jornalística que compõem uma trajetória de mais de três décadas dedicadas a um incansável trabalho laboratorial em defesa de um jornalismo com compromisso social. Opção que desafia o deslocamento de uma leitura oficial dos fatos para a busca por vozes das ruas, como fazia João do Rio (início do século XX).

Na “conversa” com Âncora, como prefere Medina, o leitor vai encontrar elementos que apontam para o desafio de articular nexos simbólicos do protagonismo social próprios de um jornalismo humanizado, numa provocação que Cremilda Medina nomeia “observação-experiência”, privilegiando o uso de um olhar atento, da escuta solidária na captação do real. Uma entrevista prazerosa, que não se esgota nesta seção de Âncora, mas reverbera e se realiza em todo o trabalho de Cremilda Medina.

Na seção Resenha, Thiago Soares faz uma sensível observação de como um grupo autoral pode transformar o exercício solitário da pesquisa científica para o compartilhamento de resultados e processos do fazer comunicacional. Thiago Soares mostra, na análise do livro “Matrizes Interacionais: A comunicação constrói a sociedade” (Eduepb, 2017), como os “Encontros (com ‘E’ maiúsculo) são fundamentais nos fazeres de pesquisa”. Os movimentos que dão corpo à obra foram fielmente captados por Thiago Soares, que observa como os processos tentativos da teoria de José Luiz Braga são desenvolvidos nas análises do grupo de pesquisadores que integram a obra, organizada por Braga e Regina Calazans. Uma arguta percepção de que os processos comunicacionais precisam ser experimentados, debatidos.

Boa leitura!

**Ana Lúcia MEDEIROS** | Editora Convidada

**Joana Belarmino de SOUSA** | Editora Geral